

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegraphico: LANTERNA

Toda a correspondência deve ser dirigida a
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSINATURAS

ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio.

Da porta de Europa

Lisboa, 21 de maio.

Entre os boatos e descobrimentos de conspirações, mais ou menos engrandecidos pela fantasia de uns e pelo interesse de outros, o congresso do turismo e as eleições ou coisa que o valha, é ainda a separação do Estado da Igreja o assumpto mais preferido das discussões publicas e particulares e o motivo mais ardente de inquietações e protestos.

As reuniões do clero succedem-se, acaba de se constituir a Comissão Central de Execução, nos termos do decreto dictatorial, e pronunciam-se ameaças de rebeldia — de modo que chegamos ao «período agudo», no dizer dum jornal officioso.

Os parochos e irmandades catholicas são em geral contra a lei, que elles taxam de vexatoria e injusta.

Uns repellem indignados as pensões, como offensivas da dignidade sacerdotal; outros, além disso, lançam as suas objurgatorias contra o disposto sobre as associações encarregadas do culto. Muitos limitam-se a declarar a sua submissão ao prelado respectivo e ao papa; alguns, finalmente, pedem apenas a suspensão do «decreto com força de lei» até que seja discutido pela Assembléa Constituinte. Este movimento de protesto, dirigido ostensivamente pelos bispos, é, segundo *O Mundo*, inspirado pelo padre Gonzaga Cabral, ex-provincial dos jesuitas de Portugal e daqui expulso com os seus subordinados.

Espalham-se tambem manifestos e boletins clandestinos, um delles reproduzindo a defesa dos jesuitas feita por um jornalista brasileiro. A lei de separação ahi promulgada serve tambem de arma de combate contra a portugueza, respondendo a isto *O Mundo*, organ officioso do ministro da justiça e dos cultos, que no Brasil eram outras as circumstancias de momento e os antecedentes historicos, e que demais ahi a lei não tem sido fielmente cumprida...

A leitura do *Mundo*, a respeito desta questão, é deveras interessante — sobretudo relativamente ao projecto de greve geral dos parochos, como aquelle jornal constou. E', ao que elle refere, alvite dos jesuitas, gostosamente aceite pelos bispos e por estes já transmittido, sob forma imperativa, aos vigários e arciprestes, superiores immediatos dos simples parochos.

Faltava apenas a indicação do dia, bem como o signal de marcha, quando o referido *Mundo* lhes endereçou, naturalmente autorizado de cima, o seguinte aviso, salvo os termos:

— Vosmecêes pensam, sr. bispos, em provocar a revolta das massas religiosas pela privação dos sacramentos, do pão da alma... E' grave! São crimes perfeitamente caracterizados e definidos — os de rebeldia e traição; e como taes serão severissimamente punidos. Ahi fica o aviso. Vejam lá no que se mettem.

Mas acho melhor transcrever um trecho significativo:

«A tentativa, caso venham a demonstrar-la como annunciam, está definida desde já: — rebeldia e traição. Réos desses dois crimes abominaveis serão considerados os sr. bispos e todos quantos os auxiliarem no commettimento da proeza. Abandonem, pois, as igrejas! Mas fiquem desde já certificados do seguinte: — os sr. bispos serão punidos severamente como mandantes de revolta e participantes de uma tenebrosa conjura de traigo, castigo em que tambem necessariamente incorrerão todos os parochos conniventes nesses dois crimes de lesa-patria, conforme as responsabilidades que se averigarem.

E no que especialmente diz respeito ao abandono das igrejas pelos respectivos parochos, que assim significam a sua missão, assignado os seus deveres para com os fiéis, temos a dizer que o governo da Republica os obrigará, pela força, ao cumprimento dos seus deveres, sem esquecimento das outras responsabilidades em que se tinham incorrido. Assim ficamos todos entendidos, porque todos ficam avisados. Excusado será lembrar que, assim como a Republica castigará com todo o rigor a rebeldia e a traição, os bispos e parochos que attentarem contra a ordem publica, como réos declarados de rebeldia e de traigo,

assim tambem saberá premiar todos quantos, em tal conjuntura, manifestarem o seu patriotismo, a sua dedicação ao paiz e o seu respeito pela Republica. Para um lado, os rebeldes e os traidores: para outro, aquellos que, mesmo não sendo republicanos militantes, forem, acima de tudo, patriotas! E' facil aos padres sabermos, neste momento, qual é o seu dever. Está indicado a todos os homens de honra e amantados da sua patria! Podem todos cumprir o seu dever, sem receio dos bispos; se estes, vingativamente, odientamente, lhes retirarem o exercicio do munus religioso, nem por isso o governo deixará de lhes conceder do mesmo modo as pensões que a lei lhes concede. Definidos os campos, escardecida a situação, rebeldes e traidores para uma banda, patriotas e portuguezes para outra, resta-nos declarar, de forma que todos o oigam, que as responsabilidades serão tomadas severamente aos criminosos, na razão directa do louvor que a Republica e o povo hão de prestar aquelles que, com lealdade e honra, bem servirem a sua patria!»

Um juizo final... republicano! Este aviso sensacional provocou reparos da parte do *Dia*, jornal que se declara liberal e neutro quanto ás formas de governo.

Lamentando a violencia do artigo do *Mundo* e das intenções do governo, violencia que lhe parece grave, sobretudo em materia religiosa, acrescenta:

«Não percebemos como sendo livre a todos e a cada um terem ou não terem, exercerem ou não, um culto, ha de o governo obrigar pela força os padres catholicos, ministros duma religião que já não é a do Estado, a cumprirem deveres espirituales de que não tem de dar contas a Cesar mas a Deus, visto que a lei da republica, o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar. Se é que Cesar, por decreto com força de lei, não tirou tambem a Deus o que muito legitimamente era d'Elle!»

— Não, senhor, — replica *O Mundo* — não se trata de usurpar as attribuições do poder espiritual, mas de reprimir uma revolta. Os padres querem lançar mão da greve como arma, como meio de provocar uma insurreição; e nesse terreno lhe é respondido. Demais, ao primeiro alarme, os bispos, cabeças de motim, terão o destino que lhes cabe e nada mais será preciso.

E tem tambem esta razão... espirituosa e algo inesperada:

— Se os padres abandonarem as igrejas e o governo os forçar a voltarem... ao trabalho, o povo religioso, apesar de ignorante, verá que são os curas que julgam inutil o pão espiritual e que é o Estado que lh'o quer fornecer!...

Mas afinal, se o plano é verdadeiro, terá execução esta ameaça clerical? Dar-lhe-ão os bispos começo de realização pelo menos?

A imprensa republicana conta com a divisão do clero, a despeito da disciplina ecclesiastica, como os patrões que confiam na desunião dos seus operarios desorganizados.

Diz ella que muitos padres desejariam esmoer socogados as pensões do Estado, aceitando em tudo a lei, sem feito para resistencias heroicas... São os jesuitas e os padres ricos, que não precisam de pensões, os insufladores do protesto...

E como quem tenta o porco com a bolota, a mesma imprensa promete a protecção do governo aos padres... fiéis, acena-lhes com a commodidade das pensões — as quaes, segundo afirmou hontem o director geral da justiça, entrevistado pelo *Mundo*, serão bastante generosas... Parece que os semeadores de revolta espalhavam que haviam de ser uma burla.

Que, para os republicanos, esse é o bom caminho, parece indicado um padre, applaudindo as declarações do *Mundo*, pois «muitos collegas precisavam de saber se, abandonados pelo arcebispo, seriam, por esse facto, protegidos pelo governo com toda a lealdade e decisão.»

Alguns acham a pensão preferível ás esmolos dos fiéis; outros declaram a lei sublime, larga, scientifica; e um houvê que declarou as leis, até hoje feitas pela Republica, d' accordo com o espirito e a letra das Sagradas Escrituras l...

Mas, se os republicanos portuguezes fazem bem talvez em contar com a desunião do clero, a sua falta de combatividade e os seus habitos de boa vida, o que se afigura bem desprovida de seriedade é a ameaça proferida por *Um grupo de padres liberaes e republicanos*, de fundarem uma Igreja Nacional...

Já pelo facto de ser anonymo perde o manifesto grande parte do seu valor e effeito; mas, mesmo pondo de parte essa circumstancia e attribuindo á ameaça toda a sinceridade possivel, basta que reflectamos um momento nas tantas vezes repetidas e baldadas tentativas da mallograda igreja gallicana... E tinha doutrina! E tinha homens!

O ministro poderá conseguir entre o clero adeptos entusiastas e até quem o accuse amavelmente de ter plagiado literalmente a Biblia; mas dahi até romper a hierarchia e a disciplina da Igreja Catholica vai um abysmo...

Os jesuitas têm ainal razão; ao dogma e á conservação convém a ferrea centralização autoritaria.

A autonomia e o federalismo são bons sómente para a livre iniciativa e para o progresso. Com o dogma — morreriam ou matariam.

Neno Vasco

Sermões ao ar livre

A ideia duma greve na industria espiritual catholica não lembra ao diabo, mas acudiu aos padres portuguezes, ou mais propriamente aos jesuitas.

Não percamos tempo em lançarlhes mais uma vez em rosto a quebra daquelle preceito de mandado resignado, por elles attribuido ao Christo, que lhes é pendão e pretexto...

Mas sempre faz sorriso ou causa espanto — conforme a dose de ingenuidade propria — os d'os darem, á massa operaria, o exemplo de actos que tão asperamente censuram!

O que isto prova, afinal, é que os padres não são tão improgressivos como os pintam, sabendo opportunamente assimilar bem os processos modernos e as conquistas da civilização e adaptando-se regularmente ás necessidades dos tempos novos.

Bem o mostraram quando, em Portugal, se descobriu no collegio Montariol a telegraphia sem fios por meio da qual os jesuitas se communicavam com os seus irmãos da Guarda; e de novo o demonstram appellando para a greve, como qualquer outra corporação de officio...

Muito bem. Assim os crentes têm occasião de ver se o pão da alminha é tão preciso como o de trigo; e se não são inteiramente cegos de entendimento, decerto lavavam as mãos, como Pilatos, e ficavam em casa tranquilamente...

E se lá em cima, á porta do paraiso, o Padre Eterno, com seus pares, lhes perdiz, a cada um delles, contas estreitas daquelle indifferença, bastará que cada um responda:

— Não sou eu o culpado. Pai do céu; eu lá estava prompto, para as missinhas e para o mais. Se desses bens me privaram, os responsáveis são os padres, que os julgaram perfeitamente dispensaveis, e vos proprio, inspirador supremo dos ministros vossos. E para vos falar com franqueza, sr. Deus, não senti muito a falta dos sacramentos e dos latinorios...

Se, depois destas francas explicações, o juiz omnipotente não der razão ao bom catholico reconhecendo honestamente que o culto é até offensivo, pois significa dúvida sobre a divina infallibilidade, e não lhe franquear escancaradamente as portas do Olympo em coisa parecida, é porque decididamente o Padre Eterno, como qualquer outro padre menos eterno, já está ás ordens dos jesuitas.

Zeno Vaz



«Não desejar a mulher do proximo»...

O CASO IDALINA

Os factos do dia 12 de março — O dr. Washington furioso — Ataques illogicos contra o dr. Gastão de Mesquita, juiz da segunda vara criminal.

Damos abaixo o artigo com que o nosso amigo dr. Benjamin Mota rebateu, pela secção livre do *Estado* de 3 deste, a nota infame que o *Correio* de 2 publicou censurando o dr. Gastão de Mesquita, por ter este juiz alliviado os nossos amigos e companheiros da responsabilidade pelos disturbios do dia 12 de março.

Deixamos de publicar a defesa que dos nossos amigos fez o dr. Benjamin Mota, porque não nos foi ainda possivel retirar-la dos autos. Brevemente, porém, publicamos a ella, senão toda, ao menos nas suas partes principaes:

Como defensor que fui dos meus amigos, dr. Passos Cunha, Oreste Ristori, Alexandre Cerchiai, Edgard Leuenroth e José Romero, no monstruoso processo que lhes moveu a policia do famigerado dr. Washington Luiz, não posso deixar sem resposta a nota do *Correio Paulistano*, de hoje, nota essa commendada e inspirada pelo ridiculo, atoleimado e feroz chefe da nossa ineffavel policia.

Encommenda do dr. Washington Luiz, essa nota demonstra que o homem dos cinco minutos Carolina Farhat & Trad, pretende fazer dos nossos magistrados escravos ou laicos do Executivo, para sancionarem as suas tollices ou os seus crimes, e, quando elles, como o honrado juiz dr. Gastão de Mesquita, julgador no processo em questão, fazem justiça, manda descompo-los pelo organ official do governo e reproduzir a descompostura, a tanto por linha, pagas pelo Thesouro, nos jornaes dependentes da secretaria de policia.

Inspiração do dr. Washington, essa nota, eivada de sandices e barbaridades juridicas, patenteia o nenhum valor mental e o nenhum preparo intellectual e juridico do presumptuoso secretario da justiça.

Não faço vans affirmativas. Passo a demonstrar as tolleimas.

Qualquer estudante vadio e estúpido sabe, desde que curse um pouco o ramo criminal, que quando um criminoso é preso em flagrante da prisão só o livra a fiança provisoria, se o crime é afigavel e que a sultura é posterior ao auto de flagrante, se o crime é daquelles em que o indiciado se livra solto. Quando o delicto é inafiançavel o criminoso só pôde ser solto sendo impronunciado ou regularmente absolvido.

E todos sabem tambem que, quando se dá o flagrante, não é necessaria a prisão preventiva.

Pois bem! O espirito santo de orelha do *Correio Paulistano*, bacharel em direito e secretario da justiça, fez o velho organ dizer,

com uma candura que parece até caduquice, que os meus amigos haviam sido presos em flagrante delicto, e que a autoridade policial para elles requisitara a prisão preventiva! — Santa burrice!

Porque o dr. Washington não demittiu logo uma autoridade assim inepta, digna apenas de comer milho e alfafa nalguma estrebaria e andar entre os varaes de um carro do corpo de bombeiros?

Mais uma descoberta monumental fez o dr. Washington, e nós o aconselhámos a tirar logo patente de invenção. S. exa. inspirou ao redactor da nota do *Correio Paulistano*, que, quando um juiz concede fiança provisoria, «sipo facto» reconhece que quem lhe pediu a fiança é criminoso e não pôde despronuncia-lo.

Não sr. dr. Washington Luiz: não é isso que ensinam as nossas leis; não é isso que está no nosso direito.

O mestre de direito e praxe criminal que o approvou em exame devia chamar s. exa. a bolos, e gritar-lhe bem alto — «vão fo isto que eu te ensinei».

O juiz pode, como no caso dos meus amigos, conceder a fiança antes da denuncia e antes do summario de culpa, e, nesse caso, só «ha indiciados» num inquerito policial, e o inquerito policial não é prova contra ninguem.

Que o diga Ruy Barbosa, o vulto magno do civilismo, se a policia pôde merecer credito.

Falando da policia disse Ruy Barbosa, no seu monumental discurso sobre os fuzilamentos do «Satellite», que a policia é o lugar onde se vive na perpetração habitual de todas as violações da lei.

E queria o dr. Washington que um juiz honrado, que não lhe pede ordens antes de lavar as suas sentenças, julgasse no processo dos meus amigos pela prova do famoso inquerito!

Ora tire o cavallo da chuva!

O dr. Gastão de Mesquita, juiz honrado, como aquelles que mandaram dizer ao Rei Sol que «la cour donne des arrêts et non des faveurs», assistiu a prova do summario, ouviu as testemunhas, e, pelo processo, ficou inteirado das infamias policias contra os meus amigos.

Vamos por partes. Temos o caso do revólver, dos tiros, das balas encontradas no bolso do dr. Passos Cunha.

Disse o *Correio* que no poder de um dos presos foi encontrado um revólver com signaes inequivocos de haver sido disparado, e do bolso de outro foram apprehendidas diversas balas, do mesmo calibre que o revólver.

O dr. Washington Luiz enganou o *Correio*; o dr. Washington Luiz mentiu!

Nenhum revólver foi encontrado em poder de nenhum dos presos,

e isso affirmou o sargento Stave perante o juiz summariario, e as balas encontradas no bolso do dr. Passos Cunha eram de garrucha e não se ajustavam no revólver. — Mais ainda. A policia, com um laudo de peritos do inquerito affirmou que as balas extrahidas da coxa de Armando de Andrade se ajustavam no tambor do revólver que, á fina força, ella nueria ter encontrado com Oreste Ristori.

Pois bem! Perante o dr. Gastão Mesquita e o dr. Sebastião Lobo, segudo promotor publico, ficou patente que taes balas não penetravam sequer no tambor do revólver, e que estava intacta a carga deste. Isso lá está nos autos certificado pelo escrivão do segundo officio criminal, a meu requerimento. O sargento Stave tambem affirmou, perante o juiz, que nunca disse ter-lhe parecido que o revólver fóra detonado.

A historia do revólver o publico saberá pela leitura da minha defesa.

Não me alongarei mais porque vou publicar na integra a defesa dos meus amigos e por ella verá o publico honesto os meios de que lançou mão a policia do dr. Washington Luiz para ser agradavel ao padre Faustino e a d. Duarte Leopoldo, tentando tornar criminosos homens que nada fizeram.

Não é preciso ser Magnaud, nem Hawkins, para proceder como procedeu o dr. Gastão Mesquita. Desgraçada a magistratura do nosso Estado se entre ella houvesse um só juiz que diversamente procedesse.

Quando ao famoso Accordam do Tribunal no «habeas-corpus» preventivo e a sentença do juiz da primeira vara criminal no primeiro «habeas-corpus» que impetrei em favor das victimas de sanha e infamia policial na noite de 12 de março, não os discutirei. O Supremo Tribunal, com os seus julgados, ahi está para attestar que o Tribunal quiz fazer um serviço ao governo e não proferir um julgado honesto, juridico digno.

E basta, por hoje. BENJAMIN MOTA.

AUX JOURNAUX AMIS

Nous prions les publications d'Europe, qui échangent avec nous, d'adresser leurs numéros a notre bureau a Lisbonne:

Rua da Barroca, 94 — 2.
Lisbonne — Portugal

CAUTERIOS

XXVIII

PARIS, 15 — Os jornaes occupam-se da peça de D'Annunzio — o «Martyrio de St. Sebastião» — elogiando de já essa obra, mesmo antes do seu ensaio geral.

«Temps» diz que desde «Chatelet» nunca obra theatral alguma foi objecto de tanto reclame.

Concorreu para isso, provavelmente, a carta do cardel de Paris aconselhando os catholicos a absterem-se de assistir ás representações da peça no theatro «Chatelet».

Santo Deus, como o tempo está mudando! Como a heresia augmenta! Hoje o que é pela Igreja excomungado é o que o povo contenta!

Como vai longe a quadra em que reina a Santa Inquisição, Quando a Igreja com o fogo castigava o hereje, o mau christão!

Como a sorte, porém, é desabrida, O' que ironia infame! Hontem o que era lei ahi está tomada Hoje é causa de moda e de reclame!

S. Domingos, ó santo Torquemada, A Igreja vos invoca! Vinde, fazer de athena uma fornada, De cada hereje uma pipoca!

Beato de Silva

ARPAS...

O conego Moysés Nora, numa linguagem elevadíssima, também dignou, do alto de seus cornos literarios, criticar Belén Sarraga, e, pela Comarca de 25 maio, s. revdma., num encanor estilo capaz de despertar raiva invejosa de todas as secas livres que infectam perniciosamente a nossa imprensa, faz o confronto entre as duas mulheres e ultimamente conferenciaram capital sobre assumpto magno e a todos interessa, qual seja a influencia do christianismo em sua civilização.

O padre Nora, com aquelle ego saber que a todos assume, numa imparcialidade que se ia divina, faz o confronto entre a Cesar, a genial poetisa, e Belén Sarraga, a intrepida prozandista do livre-pensamento e emancipação feminina, tendo a aquella o elogio incondicional e para esta a descompostura.

Padre Nora, o portuguezissimo conego do Porto, num phraseado firme, lembrando a eloquente e realisadora linguagem biblica, e então, como bom e meigo cipulo do Nazareno, este evangelico perfil de Belén:

Belén Sarraga é uma estranheira, que abandona a sua patria e seu lar, deixa de cuidar nas suas e no accio de sua casa, transpando o Atlantico, vir aqui, no seu verbo inflamado, dos seus mecenios de mulher, destruir ideias que nunca trará destruir, emporcalhar sentimentos no coração desta grande milia brasileira que já mais lará attingir. A sua linguagem volta e desbragada; fala ao coão DA RALÉ e a cabeças indianas. A familia, para Belén Sarraga, é uma entidade banida: o seu unico ideal é... a gloria de lapanar!

O padre Nora, estupenda decidação ordinariissima de Veuil, sois um portento! Nesse sobro periodo transcripto, não vemos que havemos mais de admirar: se a maneira eloquente por que vos identificastes a uma extraordinaria e mansa linguagem dos evangelhos, se os vossos eruditos erros de orthographia!

A vossa delicada e sobria linguagem arrebatada: os vossos crismos (disparates orthographicos) e de tal modo, que nos vontade de applicar-vos nelle galante dito do poeta:

Conego, valem estrelas,
Vossos erros de portuguez!

Mas permiti, ó carissimo conego Nora, que um diabolico trobo vos faça, timidamente, deixando a vossa fortissima dactilographica que convence á antiga portuguez, grosso marmeleiro que é capaz de nos malhar, furido, o dorso, — permiti ó no, valente emulo do conego Sarraga, que façamos algumas breves considerações sobre o vosso allegante artigo, em que proferimos por em realce o quandoandaes, padre, esquecido dos fundamentos santos do vosso go, divino mestre e dos seus astolos.

Chamaes a animosidade fanatica a Belén, usando do mais de dos argumentos: Sarraga é a estrangeira.

Conego, ó conego, quanto obceco estas: dizem por ahi que sois um genio que, modestamente, refugioi em Mogy-mirim; mas motivo que apresentaes para Belén seja odiada, parece-nos ficaria melhor na bocca escarada dum berrador Jacobino, que saida dessa penna brizante que é muito, vossa, ó revdmo. Moysés, e que não encontra no indio christão outra que se lhe antaje!

Sim, santissima reencarnação legislador hebreu que, por bom legislador, não passava um reles assassino, sim, dignoonymo do autor do Pentateuco, já mais deveis fazer crer que o estrangeiro no Brasil é um addido execravel.

Se assim é, carissimo Nora, a vossa começa por casa. Mas eschos certos que, se algum ou se apontar-vos ao desprezo dos saliceros só pelo simples motivo que sois um conego portuense, o padre excelso, pegareis no meiro fuero que vos estivesse a mão, e christamente, ao som do cantochão ou do fado lírico, bancaréis, denodado, o infeliz e tivesseis tão pessima lembrança.

De mais, mosaico Nora, sois oario de uma religião que se vangloria de ter contratenido, ao redor da Cruz, como se diz em estylo mystico, todos os povos da terra e... os habitantes dos outros planetas. Lá nos evangelhos ha um dictame que manda considerar-vos como estrangeiros sobre a terra. Não podeis ter patria: sois submissos subditos celestiaes! No entanto, ó conego, achaeis que Belén merece o desprezo das massas, porque não é brasileira. Usado a mesma logica, conclamaremos que também mereceis o escarneio dos habitantes do colosso sul-americano: vós sois muito bom portuguez, a não ser que a Republica vos tenha causado intenso desgost: a tal ponto que tivessesis renegado a lusopatria...

Alludis ainda, carissimo conego, suave e doce ministro do meigo cordeiro de Nazareth, á linguagem «solta e desbragada» de Belén. Julgamos que esse vulto excepcional de mulher empregou, nas suas conferencias, phrases de uma candura tal que poderiam ser ouvidas pela mais pura donzella, comquanto não fosse freira. Mas, riemos de barato que não fosse de todo elevada a linguagem de Belén: o phraseado da Biblia, ou mesmo o vosso, padre, é mais decente? Conego Nora, respondei: e se nos provardes que de facto a linguagem do Velho Testamento não é immoral, desbragada, desbragadissima, nós nos compromettemos a voltar, aos muros no peito, ao seio da igreja santa Experimentae, Nora, e Deus vos recompensará tão estronhosa victoria!

Asseguraes também, galante e delicado conego, que Belén só agrada á ralé. Percebemos bem o que pretendes dizer: *ralé* é aquella infame gente que luta por um pedaço de pão e por dias de maior abundancia e de relativa felicidade. E padre Nora, um superior intellectuel e imbuido de aristocratico e feroz nitzschianismo, não póde permitir que a *ralé*, a escoria pense. Mas, rev. Moysés, alguma vez compulsastes os evangelhos ou os historiadores do christianismo? Temos vagas desconfianças que um dia, por desfastio, tivessesis revolido pesados cartapios que se referiam ao desenvolvimento de vossa seita. Quem Jesus escolheu para seus discipulos? gentalha. Quem o seguia? a ralé. Quem os primeiros christãos? gente de tão infima classe que, por vezes, foi necessaria a energica intervenção dos governantes, afim de pôr cobro ás infamias que praticavam.

Pretendeis fazer crer, padre, que Belén préga a dissolução da familia e faz a apologia do lupanar.

Sarraga não o pode fazer, Nora, conego Moysés, revdmo. literato de Mogy-mirim: Sarraga isso não o pode fazer, simplesmente porque não é christá, não é apostolica romana!

O revdmo. Nora: clamaes que a vossa religião impera ha vinte seculos: e que tem, feito em prol da mulher? Paulo, o famoso e perverso inventor dos autcs de fé, julga a mulher um deprimente e vil objecto de gozo. A igreja, concordando com a vergonhosa e humilhante doutrina do convertido de Damasco, proclama o celibato, vedando aos seus ministros constituirem familia... legal, mas permitindo que abusem desenfreadamente, do amor *livre*, dando-lhe a torpe acepção por que o designa e comprehende o nosso queridissimo, impagavel conego.

A posição da mulher, prezado conego, não tem evoluído ao influxo da igreja: padre Nora, deixae por momentos a vossa aristocratica eminencia e descei a observar a vida intima das sociedades contemporaneas: lava a desmoralisação na familia, maridos que se gabam de possuir amantes, e mulheres que lhes retribuem na mesma moeda; infelizes que soffrem os tormentos dum pessimo casamento que, para sempre, os acorrentou ao poste da indissolubilidade do matrimonio; mulheres que mourejam sem cessar, escravizadas pelo egoismo do macho; e pobres e desditosas raparigas que vendem, num ignobil mercantilismo do amor, os seus beijos e o seu corpo, que tanto desejavam dal-os a quem verdadeiramente amassem!

Eis o que a Igreja tem feito pela mulher e cujo infame estado ella tolera, consente e defende a todo transe.

E vem Belén, descreve eloquentemente as torturas a que é submettida a nossa gentil companheira e o quanto a igreja se esforça para a manter na mesma

triste posição, e surge-lhe pela frente um sacerdote, que se diz intellectual, que a insulta, a injuria, a ultraja, mui evangelicamente, aliás.

Agora, revlmo. e estupendissimo Moysés, não vos irriteis com estes humildes, inoffensivos rabiscos. Sobretudo vos supplicamos, em nome de Jehovah vos supplicamos, que não façaes uso do vosso marmeleiro, caso pretendeis recompensar assim a nossa audacia.

Doge da Maia.

A CONFISSÃO

Naquelle manhã muito serena, muito clara, sob um firmamento turquezo, na calma costumeira da rustica vida dos sertões, o pequeno povoado despertára com a vibração alvicaireira e retumbante dos pequenos bronzes da parochia.

O templo, com as esguias portas escancaradas, recebia a visita dos fieis, avidos do ouvir o "santo sacrificio" mastigado pelos labios do vigario Rezende, de uma das freguezias da Capital — sacerlote famoso pelos impulsos de seu talento, posto a serviço da causa da hypocrisia e da extorção — apanagio do clero, — chegado na vespera em visita ao logarejo.

As mulheres, sobretudo, engolfadas na superstição e na carolice, inherentes á sua morbida ignorancia, anciaavam por vergar os joelhos aos pés do "querido padre", confessando-lhe, contrictas, os seus mais intimos segredos, devassando-lhe as almas peccadoras.

Entre ellas contava-se a Balbina, — rapariga garbosa, solteira, de conceito na terra, onde vivia ha annos, na faina de lavagem de roupas, vinda de uma aldeola vizinha.

Religiosa em exaggero, fóra a primeira a ser ouvida, no suave e lascivo aconchego do confessorio, pelo vigario Rezende. E ali aos pés do abutre, hypnotizada pelas suas labias peçonhentas, deixou transbordar o grande segredo de sua vida.

Contiou-lhe, então, que, inda moçinha, no solo natal, cedendo aos impetos de um amor nascente, entregara-se, certa noite, ao namorado — um soldado do destacamento — que partira depois, inesperadamente, deixando-a grávida. Morrera-lhe a creancinha ao nascer, e então, fugindo á maledicencia dos conhecidos, emigrara para ali, onde vinha vivendo ha cerca de oito annos, honesta, sosinha na sua choca, recebendo de todos os mais subditos conceitos e o mais rigoroso acatamento.

Finda a sincera e ingenua accusação, o astucioso padre absolveua, com os olhos chamejantes de bolimia sensual, emquanto, a penitente, "consolada", "cheia da graça do senhor" volvia á labuta diaria, remoendo padre nossos...

A' noite, em casa da familia do sacristão, (onde se hospedara) cercado de moçoilas tregas e curiosas das redondezas, o vigario, todo baboso, dava expansão ignobil aos peccadinhos que ouvia das confessandas.

E, sem aclarar o nome, contou o pobre romance da lavadeira, gostosamente, sublinhando phrases, e consultando minudencias, repetindo de quando em vez, batendo a mão na batina:

"Foi a primeira a quem ouvi... Uma santinha... O auditorio vibrava de curiosidade espiocada.

Quem seria essa? B adava uma. Será fulana?... ponderava outra. E innumerous nomes vinham á baila, sem que ninguém se lembrasse do da lavadeira, que no pensar de todos era uma "mulher muito séria e bondosa".

Subito a porta de entrada escancarou-se, e Balbina, pausadamente, entrou risonha, indo beijar o anel do sacerdote.

— "Veiu também visitar o bom vigario?... clamaram, sympathicamente, a uma voz.

— Pudéra não; — ponderou angelicamente a "bondosa Balbina" — pois se eu fui a sua primeira confessanda...

Recife. MARIO SETTE.

FRANCISCO FERRER

Espalada revista socialista illustrada, de Buenos Aires. Vende-se, a 300 réis o exemplar, em nossa redacção, e na agencia de jornaes da rua 15 de Novembro, 37.

A Republica Portuguesa

Lisboa, 15 de maio.

Chegado a Portugal ha dez dias, após uma ausencia de dez annos, acho-me ainda atordoado da viagem e sinto-me ainda como que em paiz estrangeiro...

Tudo, porém, o que já pude ver e ouvir não veio senão confirmar a opinião que d'ahi eu trouxe formada quanto á estabilidade da Republica: que a Republica tem larga vida e que o seculo das restaurações monarchicas já passou. A monarchia já não encontraria elementos de vida nem no ambiente interior do paiz, nem na atmospheria politica e social da Europa e do mundo...

Em qualquer parte onde hoje se instaure uma republica, essa republica tem todas as probabilidades de viver. Antes de dado o passo, houve hesitações, receio de complicações sociaes, temor de conservadores, vacillações de revolucionarios — sobretudo onde a questão social ruga mais formidavel, porque então os que têm que perder têm mais que temer e os outros são pouco entusiastas das soluções democraticas...

Mas transposto o Rubicon republicano, ninguém terá interesse em voltar atrás, todos se apressarão a cortar a ponte...

E Portugal era um dos paizes de Europa mais propicio ao estabelecimento da republica.

A questão social manifesta-se debilmente... Não ha um numeroso e aguerrido proletariado industrial. O operariado das cidades e os artifices das villas deixam-se embalar ao som das promessas democraticas. A alta e pequena burguezia tinha pouco que recear. As classes médias podiam pois manobrar á vontade.

Quem resta agora para querer reconduzir ao passado monarchico esta terra lusitana? Não são a alta burguezia e a alta finança, porque a essas são-lhes mais ou menos indifferentes as formas de governo e aos seus interesses convem marchar de accordo com a opinião.

Não é o operariado das cidades, que é republicano, por esperar da Republica sobretudo vantagens economicas; e que, por isso mesmo, se a Republica o desilludir, seguirá, conforme os seus interesses de classe, um caminho que o afastará cada vez mais da monarchia — como em França, onde dos desenganos da republica e do suffragio universal nasceram o anarchismo, o socialismo e syndicalismo revolucionarios, mas nada aproveitaram os realistas.

Não é o elemento avançado desse mesmo operariado, porque esse não quer absolutamente o regresso dum tempo de equívocos, quando, para fundar a republica, o proletariado esquecia a organização e a luta de classe, ao passo que hoje, desembaraçado o terreno daquella questão politica, a experiencia em republica ha de fazer a sua obra.

Não são os trabalhadores ruraes, mesmo onde mais se encontrem sob a influencia clerical, porque, entregues á sua lavoura, não os apaxiona a politica; e ignorantes e desorganizados, não teriam capacidade nem força para oppor uma resistencia victoriosa á vontade das cidades.

Não são sobretudo as classes médias, porque a republica é obra dellas e para ellas. As reformas democraticas respeitam quasi exclusivamente as idealidades e interesses daquellas classes. São ellas afinal que, pela sua importancia numerica relativa e pela sua independencia material, têm maior influencia em democracia. Eleitoralmente, a alta burguezia, pouco numerosa, e o proletariado, analfabeto e dependente, valem pouco.

Quer isto dizer que não ha «complots» monarchicos? Não; não faltam os boatos, nem as prisões, nem as denunciaes e suspeições... Espalham-se manifestos. O ex-capitão Paiva Couceiro já perpetrrou dois, famosos pela sua puerilidade e falta de grammatica. E' um militarão, valente nos combates, mas nullo em politica, e ao que parece um pouco desequilibrado.

A imprensa republicana declara não ligar grande importancia nem aos boatos nem ás conspirações descobertas... Uns dizem que anda nisso mettido o governo, para se fazer valer, e reclamam o fim da comedia; outros asseveram que

são manobras de jesuitas e monarchicos, interessados em manter um ambiente de duvida e de receio; outros accusam simplesmente a fantasia dos boateiros e a manha dos exploradores da candura de ricos dedicados á velha causa...

Se ha, porém, conspiradores sinceros, esses provém certamente de meios politicos artificiaes, das secretarias do Estado, das regiões ethereas ou palacianas estranhas ao mundo real e positivo; esses não vêm na mudança de regimen mais do que a substituição duma coroa por um barrete phrygico ou vice-versa, feita á vontade em qualquer sentido. As lutas e interesses das classes, as aspirações e movimentos das massas, as mil complexas causas sociaes que se entrecrocão — não existem para elles.

Houve quem empregasse o seu espirito — tão grande como a sua superficialidade — em rir da rapidez e benignidade da insurreição republicana, depois engrandecida por hyperboles entusiasticas. Mas qualquer vento ligeiro lança por terra um casarão em ruinas!

Como disse o ultimo presidente de ministros da monarchia, Portugal era uma monarchia sem monarchicos; e a realza cala mais por falta de esteios, pela frieza dos seus supostos defensores, do que pelo intimo dos seus atacantes.

Mas restaura-la agora contra uma forte corrente de opinião — isso é um outro par de mangas. Os ventos não lhes são propicios, nem o decorrer do tempo lhe será favoravel, e qualquer tentativa sossobraria no ridiculo, segundo todas as probabilidades.

Não é que falem os descon-

tentes. Não faltam. São, ao que parece, numerosos. Mas, com elles, na sua quasi totalidade, não pode a monarchia contar...

Proclamada a Republica, o primeiro momento foi de jubilo expansivo, de sincera adhesão, de ansiosa e confiada expectativa. Eram todos os olhos para ella voltados, eram todas as esperanças nella fundadas... Para todos os males se esperava allivio. A providencia republicana devia prover a tudo.

O providencialismo leva a esperar dum governo, dum simples transformação politica, solução para todos os problemas sociaes, remedio para todas as dores particulares.

Ora o governo novo não deu mais do que podia. Os governos — em quanto governo houver — não podem contentar todos e hão de descontentar muitos para contentar alguns... As desillusões vieram; vieram os descontentes.

Mas desses descontentes, alguns dos quaes ouvi, uns ainda esperam; outros são conservadores e recebem enormemente a contra-revolução, que seria para mais a promessa de novas dansas; e outros, se os desillude a republica, é para sairem a campos donde se descorriem mais largos horizontes — e a monarchia pode conta los entre os seus peores inimigos...

Uns temem as mudanças, outros querem avançar.

E assim a minha convicção está feita: a monarchia é um trapo sujo, abandonado na poeira dos caminhos, e a Republica, por mais desenganos que accumule, está definitivamente estabelecida.

Nero Vasco.

EM S. CARLOS NOVO ESCANDALO CLERICAL

O vigario da matriz e director do orgão catholico attenta contra o pudor duma menina na igreja — O silencio da imprensa — A pusilanimidade dos advogados — Um processo contra o padre criminoso.

E não querem que protestemos!

Isto é um nunca acabar de bandalheiras, de crimes innominaveis! Só mesmo com a publicação diaria da *Lanterna* poderiamos registrar quanta podridão, que de esterqueira vai pela vida dessa escumalha que a Europa vai p'raqui atirando numa enxurrada devastadora.

E quando chegamos o ferro em brasa nessa pustula purulenta, saltam, berram os clericapulas, chamando-nos difamadores dos bons ministros do Senhor!

Ainda não está de todo apagada no espirito publico a impressão deixada por um dos seus costumados crimes, e já um outro, cercado de circumstancias mais nojentas, vem po-lhos novamente em evidencia, expo los ao pellarinho publico.

Além dos outros factos de que este numero está cheio, temos um novo delicto, ascoroso, nojento, de que foi theatro a cidade de S. Carlos, séde de bispado, e de que foi autor o celebre monsenhor José Rodrigues Seckler, vigario dali e redactor do orgão das associações catholicas daquella diocese, um dos mais estroenos defensores do clericalismo e acerrimo adversario dos anticlericaes.

Mas vejamos

Como se deu o facto

La Voz, um periodico italiano da cidade em questão, publicou em seu ultimo numero uma laconica noticia sobre um facto criminoso passado na igreja matriz. O vigario José Rodrigues Seckler havia tentado satisfazer a sua bestialidade em uma menina.

Pouco a pouco o caso foi sendo divulgado, tornando-se do dominio publico.

No dia 25 de maio proximo findo, as filhas do sr. Enrico Chiasso, negociante no Largo do Mercado, foram a igreja em companhia de uma outra menina.

Era ainda cedo para a cerimonia e a igreja estava deserta.

As crianças subiram ao coro. O padre seguiu-as, agarrou-as, acariocion-as, tentando satisfazer a sua libridade com a mais velha. A menina gritou horrorizada e o satyro largou a presa.

E o crime não consumou-se. As familias das crianças vieram a saber do caso. Surgiram os protestos.

O sr. Chiasso foi ao delegado levar a sua queixa. Esta autorizada, para ver se evitava o escandalo, disse-lhe que só receberia a denuncia por escripto e feita por um advogado.

O sr. Chiasso, apesar de ter empregado todos os esforços, não conseguiu que nenhum dos advogados da cidade accettasse a sua causa.

Todos os advogados negaram-se a formular a denuncia contra o padre!

Os jornaes fizeram o mais absoluto silencio sobre o caso. O famigerado padre foi de redacção em redacção pedindo que não noticiassem a sua proesa.

O interessante é que, segundo consta, o padre ainda pretende processar o sr. Henrique Chiasso por diffamação!

Nesta terra tudo é possível... Entretanto leiam os leitores a denuncia, feita pelo advogado Bueno Monteiro que, ao que parece, argproudo-se do que tinha feito, declarando-se depois solidario com os seus collegas.

A denuncia

Eis a copia da denuncia apresentada ao delegado de policia local e formulada pelo advogado dr. Bueno Monteiro.

Lêde-a, ó mães que entregais os vossos queridos filhinhos a esses monstros! Lêde-a, sim e depois podeis fazer coro com os corruptores da infancia, que nós, apontados como difamadores dos padres, encarcerados sob as infames denunciaes da policia, satistaitos, conscios de estar cumprindo uma obra sacrosanta, continuaremos a azorragar sempre com maior vigor e sem hesitações os safardanas que, como ministros de uma religião, corrompem, martyrizam e assassinam os pequeninos que dellas têm a infelicidade de se aproximarem.

Mandai os vossos filhos aos collegios de padres, consenti que elles vão á igreja, mas lêde este documento e dizet-nos se a verdade não está comnosco, se não temos ra-

ção quando apontamos ao desprezo publico essa canalha de vestes e consciencia negra.

Lêde, ó mães:

Ilmo. Sr. Delegado de Policia em exercicio: Dizem Henrique Chiasso, Terso Chiasso e a viuva Anna Zoccoletti, todos domiciliados nesta cidade, que no dia 25 do corrente, cerca das 5 horas da tarde, suas filhas me- nores de nome Coralia Chiasso, Ma- riquinha Chiasso, Angelina, Maria e Ida Leste foram á Igreja Matriz desta cidade com o intuito de as- sistir á reza, mas, chegando a um pouco cedo, subiram ao coro da Igreja.

Momentos depois para ali se di- rigiu o padre José Rodrigues Se- cker — vigário desta parochia — e sob pretexto de examinar si as meninas sabiam catecismo, cha- mando uma por uma para um lado, as apertava entre as pernas fazen- do lhe varias caricias.

Quando chegou a vez de Coralia, a mais velha, o padre Secker, de- sabotando a batina e a calça, tirou o m...; Coralia, horrorizada, começou a chorar, pelo que o pa- dre Secker, agradando a, deu-lhe uma medalhinha e a mandou em paz.

Em uma dessas occasiões um coroinha subiu ao coro para bater o sino, sendo então prevenido pelo dito padre que não mais passasse por ali, fechando as janellas e uma porta.

Desejando processar o delinquent- e, requer a V. S. se digno de, tomando conhecimento deste, tomar as declarações das menores referi- das, inquirendo as testemunhas abai- xo arroladas, ordenando depois que o inquerido seja entregue aos re- querentes para os fins de direito.

P. Deferimento. São Carlos, 30 de Abril 1911. Henrique Chiasso, Anna Zocco- letti, Terso Chiasso.

Rol das testemunhas (presentes ao interrogatorio feito ás meninas pelo advogado):

Ulysses Brancini, Miguel Giomet- ti, Antonio Oliván, Afonso Botta.

Belén Sárraga

Acha-se actualmente em Ribeira Preto, onde foi recebida festivamente, como aliás aconteceu em toda parte em que aportou, a fervorosa propagandista Belén Sárraga.

Do successo obtido por Belén Sárraga nas suas conferencias não é preciso falar: basta para attesta- lo a zanga, a furia com que anda o clero vomitando a sua baba immunda sobre a genial demolidora de preconceitos.

De Ribeirão Preto Belén se- guirá para Jardinópolis e depois para outras cidades.

EM POÇOS DE CALDAS

Com o expresso chegou hontem a esta cidade, proveniente de S. João da Boa Vista, a emi- nente escriptora e oradora espa- nhola, d. Belén Sárraga, a qual foi alvo de imponente manifesta- ção por parte de numeroso publi- co que affluir á gare da Mo- gyana.

Deu-lhe as boas vindas o dr. Mario Mourão, em poucas mas bellas palavras.

S. a hospedou-se no hotel da Empresa, e fez á tarde uma vi- sita á Maçonaria; ás 9 horas teve lugar a conferencia sobre o the- ma: «A Igreja e seus sacra- mentos».

A conferencia durou mais de 1 hora, interrompida frequente- mente por applausos freneticos; a palavra franca e eloquente da celebre oradora attrahiu por com- plecto o selecto auditorio. Foi um dia optimo para a nossa propa- ganda.

D. Belén Sárraga seguiu hoje para S. José do Rio Pardo, de- deixando entre nós o mais vivo de- sejo de ouvi-la outra vez, con- forme nos prometteu.

31 — Maio — 1911.

LANTERNEIRO CALDENSE.

EM JOSE DO RIO PARDO

Levo ao conhecimento da Lan- terna o seguinte facto: Uma pro- fessora do Grupo Escolar, em plena aula, fez um discurso-urso xingando as famílias que levaram ás creanças na conferencia de Belén Sárraga. A santa professora teve tambem o desprante de abai- xar o ponto de todas as meninas que foram á conferencia da illust- re propagandista e prometteu expulsá-las da... aula de cate- cismo.

A beata professora é sobrinha do dr. Hostia. — CHICOTE.

A escola Moderna

RESPOSTA AO JESUITA DO «SÃO CARLOS»

«Mal-lito seja aquelle que pretender que a liberdade de consciencia e dos outros deva ser proclamada e garan- tida por lei, e que os cidadãos tenham a liberdade de manifestar as suas convicções pela palavra ou doutro qualquer modo sem que nenhuma autoridade ecclesiastica possa pôr um freio a esta liberdade.»

Foram estas palavras do Syllabus — o manifesto que definiu a politica do Vaticano perante a sociedade mo- derna — que me acudiram ao ler o virulento artigo que abre o São Carlos de 22 de março, assignado por Venillot.

A replica aos meus artigos sobre a Escola Moderna não veio esclarecer a questão nem derrubar minhas affirmações. Qualquer outro que não fosse um clerical responderia destruindo com documentos ou sophismas tudo que escrevi.

O clerical não. Atira-se furioso, numa indignação devota e fanatica, contra a redacção do jornal que abrigou as perigosas verdades, accusan- do-a do monstruoso crime de tolerancia, crimes que nos bons tempos do Santo Officio se castigava com carni- vosas torturas e um pedestal de fo- gueira como manda o codigo santo de Loyola e Torquemada.

E' natural. A religião official da antiga Roma caracterizava-se pela brandura e tole- rancia. Entretanto quando ante o in- differentismo do povo, o sarcasmo dos poetas e as objeções dos sábios começou ella a declinar-se e abysmar- se, os sacerdotes recorreram á vio- lencia. E o sangue dos primeiros christãos inundou a cidade Eterna.

A Inquisição foi creada quando appareceram os albigenses, e a Hespanha gerou o monstro imaginado por Loyola, quando a aurora da Reforma abalou os dominios do dogma!

Diante da onda avassaladora do pensamento humano o Vaticano arro- meça excomunnhões, bullas maldições, toda a artilharia duma fortaleza desmantelada.

No segundo artigo da série procurei expor a situação da Hespanha e o tem- poraneo. Documentei o artigo com opiniões de estadistas eminentes e individualidades insuspeitas, chamei em meu auxilio o argumento esmagador da estatística.

Tratando de Francisco Ferrer com lealdade estudei o assumpto; citei cartas e documentos que comprovam a repugnancia do celebre educador pelos meios violentos na propaganda de ideias.

Entretanto o articulista clerical ap- parece pelas columnas do São Carlos com uma linguagem indelicada, insul- tante, accusando o martyr catalão sem apresentar uma unica prova!

Palavras, só palavras, ultimo recurso dos que laboram no erro...

Vamos ouvir o interessante paladi- no, heroi-comico do baluarte ultra- montano:

«E diz nos ainda mais (a historia veridica...) que F. Ferrer tendo sido preso e accusado como autor das bar- baras scenas de Barcelona foi submet- tido não ao tribunal clerical da In- quisição, mas a um tribunal legalmen- te constituido, onde o réo pde ser ouvido, defender-se e afinal, em face das provas allegadas e confirma- das, ouvir a sentença que o condem- nou a morte.»

Isto não é de ignorante; é manha de jesuita agindo do má fé!

Um individuo que se atreve a es- crever sobre um assumpto que des- conhece, com o proposito de torcer a verdade, é indigno de consideração.

O tal senhor, mascarado covarde- mente com o illustre nome do falle- cido Venillot, em vez de, com sinceridade e escrupulo, estudar o im- portante acontecimento que assigna a historia contemporanea, vem em nome de Deus e da santa madre Igreja, ar- rotar insultos, mentiras num estilo alambicado de theologo medieval.

Se conhecesse a questão e fosse leal lembrar-se-ia das seguintes pa- lavras pronunciadas pelo capitão do exercito hespanhol Gálceron, o nobre advogado do fundador das escolas ra- cionalistas:

«Todos os adversarios de Ferrer têm sido ouvidos durante a investi- gação; tem-se ajuntado ao processo todas as denuncias anonyms que podiam perder o accusado; as teste- munhas que poderiam dar esclareci- mentos sobre a sua vida, o seu caract- er, seus habitos e os seus trabalhos estão destruidas. Todas as provas que tenho mandado ouvir têm sido devolvidas sob o pretexto de que o prazo legal expirára. Somente os inimigos de Ferrer têm podido falar.» (M. Headford — Escola M. de Barcelona)

Tal é a verdade. E' um official quem a dia indignado deante do conselho de guerra.

Factos e não palavras, realidades e não calumnias.

Diz ainda o quixotesco Venillot que o assassinato de Ferrer foi obra nacional. E' absurdo demais da falta de memoria dos seus seraphicos lei- tores.

Não sabe o escrivinhador do São Carlos que logo após a morte de Fer- rer, o tragico ministerio Maura, cum- plio e executor da vingança clerical, caiu, deante da reacção formidavel do povo hespanhol?

Tambem não se lembra que o mi- nisterio Maura succedeu o liberal, actualmente presidido por Canalejas, que para enganar o movimento demo- cratico simulou romper com o Vati- cano e apresentou a lei anticlerical do Cadesado?

Como dizer que o crime de 13 de outubro foi apoiado pela nação se umas semanas depois esta mesma nação apoiava e encorajava uma po- litica francamente opposta como o demonstraram as eleições?

E' uma calumnia muito torpe lan- çada contra a altiva dignidade do povo castelhana.

tombava nos fossos de Montjuich o corpo do martyr do livre-pensamento as igrejas ropicavam festivas convi- dando os fieis para o solemne Te- Deum laudamus

Assim o jesuitismo se regozijou sobre o cadaver da sua victima!

Quem se admira disto? A Igreja que queimou Huss na Austria, Giordano Bruno na Italia, em França Dolet, Antonio José em Por- tugal, hostiaro em sacrificar Ferrer, o terrivel inimigo da treva e da igno- rancia?

A Igreja que ordenou a matança de S. Bartholomeu em que pereceram 20.000 protestantes, o morticínio dos albigenses que despoou o sul da França, o massacre dos juíens em Lisboa, as orgias inquisitorias em Hespanha e condemnou Galileo, heita- ria em eliminar o educador que lhe arrancava das garras seculares 10.000 creanças abrindo-lhes 94 escolas.

Os progressos ainda não limaram o corte das espadas, nem apagaram as fogoeiras do fanatismo.

O dramã «A-rós-moi» era hontem vaia-lo por ser judeu seu autor! Os clericos religiosos calumniaram e perseguiram o innocente Drey- fus e na Austria, ha um anno, uma infeliz mulher vendedora ambulante foi condemnada a 24 horas de prisão a jejum por ter envolvido uns ob- jectos com uma imagem!

Agora repetirei ainda mais o seguinte: NINGUEM DE BOA FE OSARÁ NEGAR A GRANDEZA DA OBRA DE FERREER.

Sobre a individualidade do martyr, basta. A calumnia foi esmagada com a publicação dos documentos sobre os successos de Barcelona.

Num proximo artigo responderei ás objeções com respeito á lute entre o dogma e a sciencia.

Rio Claro — IV — 1911.

RUBEN FARO.

A revolução mexicana

A imprensa diaria nada diz a respeito. Isso é natural em quem só desperta interesse a politiquice interessera. Entretanto a revolução segue a sua marcha justiceira.

Muitas outras cidades têm sido tomadas, distribuindo os revolu- cionarios ao povo productor e fsminto as terras que elles fazem produzir em beneficio exclusivo dos grandes proprietarios, naba- bescamente installados nos seus luxuosos palacios das capitais.

Em toda parte por onde os revolucionarios passam, o povo aclama-os, accorrendo em seu auxilio e engrossando as suas fileiras.

O grande tyranoo Porfirio Dias já tombou. Francisco Madero, o grande feudatario, senhor de im- mensas extensões de terras, onde explora vilmente os seus colom- nos, sujeitos a um regimen de tyran- nia, este candidato ao lugar de Dias agita-se na sua furiosa am- bição de poder. Já mandou prender e fuzilar diversos membros do Partido Liberal, o verdadeiro partido do povo, que valente- mente destrou a grande fera.

Os revolucionarios continuam, entretanto, na sua luta grandiosa, a qual todos os amantes da liber- dade devem apoiar com enthu- siasmo.

Pró-revolucionarios

Para auxiliar os revolucionarios na grandiosa luta em que estão empenhados, está aberta uma subscri- ção em nossas columnas. Começa- mos hoje a publicar as quantias já recebidas:

Lista conseguida na reunião rea- lizada na sede da Associação Fe- minina:

Grupo de Solidariedade Internacional, 17\$. «A Lanterna», 50\$. Pastaleon Man- jón, 2\$. Lucas Mascuelo, 1\$. Antonio Manzano, 2\$. Eugenio Gastaldetti, 1\$. E. Garrido, 1\$. Pedro Zamboni, 2\$. João Felipe, 2\$. Francisco Fiume, 1\$. João Cluffi, 2\$. Monachetti, 500 rs. Pacini, 300. rs. Gigi Damiani, 1\$. 2000. R. Felipe, 600 réis. Total, 84\$400.

Lista numero 8, que continúa aberta: Tobias Boni, 4\$. V. J. C., 3\$. Raymundo Reis, 5\$.

Lista a cargo do companheiro Manuel Fernandes, de Piracicaba:

Manuel Fernandes, 5\$. João Matheu Ruiz, 1\$. José Guerrini, 2\$. Emílio Guirado, 1\$. João Lopes, 2\$. Francisco Sarves, 2\$. Juan Fernandes, 1\$. Total, 14\$00.

Quantia enviada pelo Grupo Germinal, de Nictberoy, que continúa com uma lista aberta, 50\$000.

Total geral, 192\$000.

A Lanterna distinguiu aos bravos revolucionarios mexicanos a parte que lhe couber da festa que se de- verá realizar no dia 17 do corrente no Salão Germania.

Os bilhetes para esta festa con- tinuam a disposição dos amigos em nossa redacção.

As pessoas que estejam de acor- do com os fins da revolução mexicana e queiram auxiliá-la, poderão enviar os seus donativos para o Grupo de Solidariedade In- ternacional, Caixa do Correio, 208, S. Paulo.

Pelo Comité Pró Revolucionarios Mexicanos será hoje feita a primeira remessa de dinheiro (200\$000) para o Comité Revolucionario.

Processarão mesmo?

MAS E' VERDADE?

O São Paulo noticiou e o Diario reproduziu na secção livre a seguinte nota:

«Tendo o padre Faustino Con- soni e outros, directores do «Or- fanato Christovan Colombo», por seu advogado dr. José Piedade, requerido ao dr. juiz de direito da terceira vara criminal que vol- tassem ao dr. promotor publico da capital os autos do inquerito policial, procedido na primeira delegacia auxiliar em virtude de denunci assignada por Oreste Ristori e Eugenio Leuenroth, so- bre gravissimas occorrencias que se dizia haverem tido por theatro aquelle estabelecimento, afim de que o organ da justiça publica declarasse porque não apresentou a competente denuncia contra os requerentes, o dr. Sylvio de Cam- pos deu a seguinte promoção:

«A denuncia que se vê a folha 3 do inquerito não ficou provada.

Por esse motivo, não havendo base para procedimento criminal, não podia esta promotoria agir contra os requerent-s. Era o caso de archivar-se o inquerito, mas havendo em juizo processo a que se refere este inquerito, entendo que devia pedir appensamento deste ao processo alludido, o que fiz e foi deferido.»

O advogado dos directores do referido «Orfanato» requereu hontem as certidões necessarias para instruir a queixa crime que vai apresentar contra os signatarios da denuncia que motivou multi- plas diligencias e de que por muito tempo se occupou a im- prensa paulistana.»

Que venha o processo. Estamos ansiosos por ver pela frente o nosso heroico Piedade.

«A Lanterna» em Petropolis

OS PADRES E FRADES IMPERAM NA BELLA CIDADE FLUMINEN- SE. — A RELIGIÃO É UM NE- GOCIO. — MENORES QUE SÃO EXPLORADOS. — FITAS SACRAS E FITAS PROFANAS. — A OPI- NIÃO DE UM JORNAL CATHOLICO.

De certo tempo a esta parte, e mormente depois que fizeram pouso em Petropolis certas aves de arri- bação, tem tomado um incremento tal o rendoso negocio que os padres e frades fazem da religião catho- lica, que não é preciso ser-se propheta para augurar a decadencia assustadora, moral e material, da celebrada Rainha das Serras.

Aliás, essa decadencia já se vae fazendo notar. De mansinho, com maldosa labia, que lhe é caracte- ristica, o clero vae attrahindo a si a sympathia inexplicavel de quasi toda a gente, a despeito mesmo do modo caricato e indecente por que procede, como uma affronta sem nome ao brio dos homens de bem.

Dá-se ainda o caso de que, os que lhe são contrarios, não já por principio ou convicção, mas apenas porque julgam com justiça e imparcialidade os seus actos de todos os dias, os escandalos que elle causa, as bandalheiras de que é protagonista, nem ao menos esses se levantam em protesto contra a clericalanha que em Petropolis im- pera. Em vez disso, existe um re- ceito atroz de pronunciar-se algu- em opposição ás explorações e ás patifarias desses córvos de batina, ávidos sempre do dinheiro do pro- prio, com que enriquecem, de papo para o ar, quando não se dão ao trabalho de descompor do pulpito todos quantos preferem á bemaven- turança prometida o prazer muito natural de não serem roubados por elles...

Não ha meio de vida que os padres e frades de Petropolis não tenham explorado ainda. Os frades, principalmente, que os ha por cá innumer, num convento situado á rua Nunes Machado. Ali possuem elles uma typographia, em que fazem todo e qualquer trabalho para fóra, á custa do suor de alguns menores, que têm a infelicidade inaudita de se deixarem usurpar sem queixa nem lamento.

Não contentes com isso, ou por- que o negocio não deixa muito lu- cro, ou fosse lá pelo que fosse, organizaram uma sociedade recrea- tiva, com sede nas proximidades do convento, onde ha representa- ções dramaticas e lyricas, cinema- tographo e não sabemos que mais. E, do pulpito da sua igreja, acon- selham aos fieis, com palavras re-

passadas de tingida sinceridade, na sua meia lingua teuto-portuguesa (porque os marotos são allemães) que não vão ás casas de diversões «que ha por ali, porque ellas só pervertem a alma com as suas ex- hibições profanas e immorales.»

A respeito, publicou o Rio-Petro- polis, desta cidade, as seguintes li- nhãs, que absolutamente não po- dem ser julgadas como de fonte suspeita, pois que esse jornal é assaz catholico e não perde vasa para fazer salamaleques a qualquer padreco:

«Não é decente, não é moral, não é christão a pregação nos pulpitos de ensinamentos de odios, nem mesmo contra inimigos, quanto mais contra aquelles que seguem a mesma fé, a mesma cr- nça; não é decente, não é moral, não é christão insinuar no espirito dos ovinos que não se divertiram em tal ou tal casa, mas na sua, para que os cobres não tomem caminho senão o que convem aos interesses de uma comunidade.»

Não é decente, não é moral, não é christão — de pleno accordo — mas é sem duvida muito mais lu- crativo do que pedir para o Espiri- to Santo ou para as almas do outro mundo...

E ahí têm os senhores como os purissimos ministros de Deus (sic) fazem, nas igrejas de Petropolis, esplendidos reclams do seu bello negocio...

VERITAS.

NO RIO

A «PASSIVIDADE» DE UM PADRE

UMA FITA ESCANDÁLOSA — NO LARGO DA GLORIA — POLICIA PROTECTORA DOS BONS COS- TUMES...

Do Seculo do Rio, transcrevemos a seguinte nota:

«Alta madrugada. Pequeno movimento no largo da Gloria.

Ao longe surgiu a figura de um padre vestido de na sua reluzente batina. Alguns pessos atrás do reverendo vinha um rapaz, um rapa- ção forte e espadado.

Muito natural. O guarda civil não lhes prestou attenção. O padre entrou no jardim da Gloria.

O moço seguiu o. O padre enca- minhou-se para o logar mais escuro do jardim, o moço tambem.

Um guarda civil arguto e... in- discreto, poz-se ao longe, em atti- tude de espreitar o que o reverendo ia fazer.

Oh! céos! disse o guarda, e, acto continuo, encaminhou-se para o logar em que ambos estavam.

O moço retirou-se «activamente» e o padre «passivamente» deixou-se prender pelo guarda.

O «activo» moço foi preso pouco adeante, e ambos levados á pre- sença do commissario Machado, de dia á delegacia do 13 districto.

Respeitador das immunities ecclesiasticas, o commissario deixou que o padre ficasse na sua sala.

O moço, como não tivesse apre- sentado provas de identidade, foi recolhido ao xadrez.»

Intenciamos a publicação do admiravel romance

O Paiz dos Frades

obra prima do glorioso martyr

JOSE RIZAL

vilmente fustigado em Manila, como re- voltoso contra o dominio hespanhol, em virtude das «miserissimas intrigas contra elle urdidas pela corralhada negra: agos- tinianos, capuchinhos, etc. etc., que, vindo em José Rizal o mais temerivo adversario recorreceram aos meios vis que lhes são familiares para o aniquillar.

6 Paiz dos Frades

é um romance admiravelmente escripto, narrando toda a sorte de crimes com- mettidos nas Philippinas, pelos frades que dali expulsos, pelos heróicos tagalos, a estáo ovando agora a posse desgraça, a desgraça deste paiz, tendo á sua frente o famigerado abade Kruse, chefe dos es- tabalidos do convento de S. Bento.

Este empolgante trabalho do valente José Rizal, de quem começaremos a pu- blicar a biographia no proximo numero, foi especialmente traduzido para a LAN- TERNA pela pennas escurpulosas de Neco Vasco.

Um padre que abjura

Informam-nos de que o padre dr. Antonio Augusto, que foi vigário de Baurá, acaba de deixar a bati- na estando actualmente no Rio, occupando-se em mistér honesto.

Em favor da «Lanterna»

Lista a cargo do sr. João da Matta Oliveira, de Porto Feliz:

Antonio Meyer, 5\$. João da Matta Oli- veira, 1\$. Francisco Castellucci, 5\$. Victo- rio Pelegrini, 2\$. Irmãos & Gebini, 1\$. Santo Gebini, 2\$. Guilherme Pelegrini, 2\$. Celeste Constante, 2\$. Carlos Bobi, 1\$. Francisco Bau, 1\$. João Baptista Valerio, 5\$. João Garcia, 1\$. Delmiro Ferraz, 2\$. Laurindo Pires de Almeida, 1\$. José Mau- reno, 1\$. Justino Goides Bueno, 1\$. Joaquim de Mello, 1\$. Emilio Theodoro Kuntz, 1\$. José Augusto Dubois, 1\$. To- tal, 31\$500. Deduzido 500 rs. do porte e metade á Battaglia, 15\$500.

De diversos:

Metade da lista enviada por um grupo de amigos, de Mayrink, em favor da Bat- taglia e da Lanterna (94\$), 47\$000.

Sr. Antonio Gregovich, de Piracicaba, 2\$000. Sr. Pedro Leme - Brisolla, de Avare, 3\$000.



Contra um bruto

A grande cavalgadura que dá pelo nome de padre Moysés da Nóra, tem o velho habito de ar- rancar das profundezas do seu âmago o que lá existe e para atirar contra os anticlericaes.

Esta illusterradissima besta com pretensões a sabichão, esta respeitabilissima topeira, tão grande como a idiotice e tão puro e tão santo como o padre Faustino, anda agora a jogar as puresas da santidade de sua pessoa contra a nossa distincta correlligio- naria Belén Sárraga, que passou procuração ao nosso amigo Ben- jamin Mota para chama-lo ao Tribunal.

Dignissimo collega de S. Fausti- no, trata de sugar o suor dos pobres diabos que te encham a in- commensuravel pança, mas não te mettas a sebo...

Estamos fazendo uma larga dis- tribuição da LANTERNA, envian- do-a a todas as pessoas que jul- gamos estarem de accordo com o seu programma.

Considerare-mos, portanto, como nossos assignantes todos aquelles que não devolverem o primeiro numero recebido.

Festa de propaganda

Pronovida por um grupo de dedicados amigos da imprensa de combate, realizar-se-á no dia 17 de junho proximo mais uma festa em beneficio da Lanterna e da Battaglia, a qual se realizará no salão Germania. A festa constará da representação do drama «I Di- sonesti», de Girolamo Rovetta, da comedia «Patatrak!», de Sil- vestri, e de baile familiar.

Os ingressos para a festa já se acham a venda nesta redacção, pelo preço de 1\$500.

Esperamos que os nossos ami- gos não falem no dia 17 de junho ao salão Germania.

SOLIDARIEDADE

De jáh recebemos uma enthu- siasica demonstração de solidariedade assignada pelos srs. Bernardino, Mo- sca, Miguel Britorio, Nardini Attilio, João Fragolino, Antonio Mariano, Fran- cisco Bonilha, Antonio Bonilha, Nic- colau Roma.

Aos nossos correspondentes

Atenciamos aos nossos correspondentes para que sejam o mais possivel synop- ticos nos seus communicados, pois o es- paço de que dispomos é exiguo e não muitas as materias a attender.

Devido á prolifidade temos inutiliza- do grande parte de correspondencias e mesmo collaborações. Attendendo ao justo motivo exposto, os nossos amigos nos desculparão.

«A Lanterna» em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem desejar assignar a Lanterna, dirija-se a Pythagoras, La- terna, 60, ou a Polydoro Santos, na Br- colis Elysen Reclus.

Na União dos Petreiros, rua Santo An- tonio, 157. Encontra-se á venda na Mensageira Cen- tral, á rua Brásiles.

Padre Raphael Lamicutti

Para servir um companheiro que tem n gocios de interesse com o padre Raphael Lamicutti ou Lamicutti, que foi vigário de Santa Rita dos Coqueiros, pedimos a quem possa in- formar o paradeiro do mesmo padre escrever á redacção da Battaglia.

Num collegio de Salesianos

Um professor que perverte crianças — Bemditas bengaladas! — Educado pelos padres e como elles depravado — A moral religiosa.

Os jornaes da semana passada arram um escandalo que se remia no seguinte:

No collegio de Santo Alberto, estallado na rua do Carmo 59, o mesmo edificio da igreja do Carmo, o professor daquelle estabelecimento, Sebastião Bueno da Silva, manifestando maus instinctos, envolveu-se em crimes de natureza repugnante e dos quaes foram victimas alguns menores, alumnos d'aquelle collegio.

O pae de um menor, o negociante sr. Joaquim Vieira, morador na Ladeira da Constituição, 2-C, indignado da conducta infamante do professor e do attentado de que a victima seu filho, dirigiu-se ao collegio, reclamando providencias respectivo padre prior.

Mais tarde, não sendo attendida a sua queixa, não reprimido a coiza que o empolava, o sr. Joaquim Vieira agardou a saída do professor accusado.

Este, porém, para se desembarcar de uma difficilissima situação, fugiu pelos fundos do estabelecimento que dão para a Igreja do Carmo, tomando a direcção da rua de Cincinco e Março.

O sr. Joaquim Vieira foi ao seu trabalho e, alcançando-o no fundo da Ladeira do Carmo, castigou a bengaladas.

A policia interveiu, prendendo-o. Uma vez na policia, o sr. Joaquim Vieira expoz o facto com todos os antecedentes, sendo por isso accusado inquerito para se apurar a responsabilidade do deveso professor.

O sr. Joaquim Vieira foi solto logo depois, mediante fiança propria.

O professor accusado já prestou declarações e exhibiu um attestado dos padres salesianos que o recomendavam por sua BOA CONDUCTA MORAL!

Quem leu o facto narrado por uns jornaes diarios não lhe dá a gravidade que realmente elle tem. A certos jornaes não convém a descoberta das immoralidades das mães onde se educam os filhos da terra grauda... Se o caso fosse numa escola operaria...

Esse o que pudemos saber a respeito do collegio Santo Alberto e do professor Sebastião Bueno da Silva:

O collegio do largo do Carmo, de se deu o escandalo, é dirigido pelos padres salesianos. É succursal do Lyceu Coração de Jesus. É um collegio religioso. salesianos são bons educadores.

O professor envolvido na immoventura, embora seja leigo, é um tipo perfeito do padre. É moço e está como interno no Collegio de Jesus.

Lecciona gratuitamente no collegio Santo Alberto. Um abnegado... Como interno, curso durante tres annos o gymnasio de Lorena (dirigido tambem por padres) fazendo preparatorios para ordenar-se. De lá veiu, tambem como interno, para o Lyceu Coração de Jesus. Toda a sua educação é religiosa, muito catholica mesmo. A moral dos collegios de padres é rigorosa, é a mais perfeita e a mais humana...

A "Lanterna" em Santa Barbara do Matto Dentro (MINAS)

Emquanto S. Paulo cura do saneamento social, promovendo meetings, conferencias anticlericaes e orações, para extinguir a onda negra que ha tantos seculos serve de gillhaõ do povo, Minas enche as bancadas do congresso com esses abutres de batina e conchete que andam toquiando as precarias ovelhas de porta em porta.

Na reforma do congresso estadual, recentemente feita, entraram dois desses degenerados seres: os padres Fermiano, da Conceição do Ferro, e o ocelbro Rolim, do Curvello, aquelle mesmo Rolim que instigou o povo beato e o ego do Curvello, a expulsar da cidade o maçon Soutari, só porque auxiliou a fundação de uma loja maçonica ali.

Em plena capital, vê-se, com tristeza, grupos de moças, da melhor sociedade, pedindo como odoes, de porta em porta, obulo para os pobretes da Santa Madre. Aqui, na roça, nem se pôde fazer ideia.

Ainda a semana passada, appareceram dois tueros, de longas barbas, mettidos em nojentas saias, pedinchando de porta em porta, apresentando, para isso, um papel immundo, com as insignias do bispo de Diamantina, que parecem bem duas gazetas entrelaçadas.

Pediam para a educação de orfãos ou cousas que o valha. O certo é que arranjaram mais de dois contos de réis.

Na hora, porém, da partilha, que para outra cousa não pediam, é que foi a historia.

O mais velho, ratazana mais faminta, julgou-se com mais direito, por ser mais barbudo, e, com isso não se conformando o outro, engalfinharam-se de tal forma, que foi mister a intervenção da policia, para que não houvesse morte.

Resultado: o mais forte enguliu o mais fraco: o barbudo abiscotou o outro, deixando com o collega menos experiente dez mil réis para atenuarem as primeiras despesas de viagem.

Boa maquia receber, por certo, o collegio para quem pediam!

E ainda ha quem nos censure por sermos intrasgentes.

ANTICLERICAL.

Pequenos écos

Centro Estudantil Paranaense — Desta Associação de Curitiba, Paraná, recebemos uma circular participando-nos a eleição da nova directoria que deverá administrar-la durante o periodo de 1911-1912.

Don Quixote — Sob este expressivo titulo apparecerá brevemente em S. Paulo um novo organo, que continuará a desenvolver o mesmo programma de La Vita, accentuando-lhe mais a orientação democratica e anticlerical.

Será seu director o conhecido jornalista italiano Paulo Mazzoldi (Rusticus), a quem deverá ser endereçada toda a correspondencia referente ao jornal, á caixa postal, 878.

Fallecimento — No dia 25 do mes proximo passado falleceu em Niteroy o velho pai do nosso amigo e collaborador José Martin. Os sentimentos.

Frei Damaso. O dominicano permanente indifferente e quasi de costas.

— Crê V. Rev.?... — pôde emfim perguntar muito serio o moço, olhando cheio de curiosidade o frade.

— Se creio? Como no Evangelho! O indio é tão indolente!

— Ah! desculpe — disse o joven aproximando um pouco a cadeira. Existe na verdade essa indolencia nos naturaes ou succede o que affirma um viajante estrangeiro, que é apenas uma invenção para desculpar a nossa propria indolencia, o nosso atras e o nosso absurdo systema colonial?

— Qual! Isso é invaja! Ora pergunte ao sr. Larriza, que tambem conhece o paiz; pergunte-lhe se a ignorancia e a indolencia do indio têm igual.

— Com effeito — respondeu o homem pequenino, que era o alludido; em nenhuma parte do mundo existe ser mais indolente do que o indio; em nenhuma parte!

— Nem outro mais vicioso, nem mais ingrato!

— Nem mais mal educado!

O moço loiro poz-se a olhar com inquietação para todos os lados.

— Senhores — disse elle em voz baixa — creio estarmos em casa de um indio, essas senhorias...

— Ora adeus! Não se preoccupa tanto! Santiago não se considera indio, e demais não está presente, e... ainda que estivesse! Isso são tolices dos recém-viados. Deixe pa-

Aniello Pasallo — Este nosso amigo, residente a Avenida Rangel Pestana, 169, participa-nos que foi nomeado representante da Companhia Singer para a venda, em prestações, de machinas de costuras.

Visitas — Deram-nos o prazer de sua visita os nossos correligionarios, Theceu Bueno, prefeito de Sallespolis, e o sr. João Rodrigues de Camargo, da mesma localidade. Agradecidos.

Bilhetes e recados

Caconde — Sr. Roan: Infelizmente não podemos publicar a sua correspondencia, que se refere a factos alheios á nossa propaganda. O mesmo quanto ao soneto. Estamos á sua disposição para o que estiver de accordo com o programma do jornal.

Sorocaba — Sr. C. G. A.: Agradecemos a sua demonstração de solidariedade. O soneto que nos enviou para ser publicado, dizendo ignorar o autor, é dum nosso companheiro de lutas. Elle agradece a referencia que o amigo fez ao seu trabalho.

Recife — Mario Sette: Publicamos o seu conto, e aqui estamos ao seu dispor para novas collaborações.

Santa Barbara do Matto Dentro — Anticlerical: Mesmo ariavez do pseudonymo reconhecemos no amigo um velho batalhador do anticlericalismo. Contamos com o seu auxilio.

Salto de Itá — Um assignante: O amigo Scipiane Delmoreo recebe um pacote nas mesmas condições dos demais companheiros do interior, isto é, pagando o seu importe.

Lapa — ? : Queira nos informar directamente do facto que nos denuncia. A redacção do diario citado não nos facultará a leitura da carta em questão.

Aos assignantes da capital

Participamos aos nossos assignantes desta capital que estamos procedendo á cobrança das assignaturas.

A todos pedimos que tenham em consideração as difficuldades que offerece este trabalho em uma cidade grande como é S. Paulo. Os que não puderem ser encontrados em uma hora certa, devem deixar a importancia em casa para não obrigar o cobrador, a fazer caminhadas inuteis.

A LANTERNA NO RIO

É encontrada á venda nos seguintes pontos: Café CRITERIUM, largo do Rocío; Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (enxagrate); Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (enxagrate); RUA DO OVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauris.

Na rua do Senado, 61. Avenida Passos, 120 (enxagrate). Rua do Lavradio, 46. No Bang, com o sr. Diogo Moreno. Rua Lavradio, 46, com o sr. Angelo Princi.

Rua Senador Pompeu, 31, com o sr. Manoel Julio Pereira. Largo da Carioca, 2, com o sr. Leandro Bettino.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

São vendidas ao preço de 1\$000 pagando mais 200 registrada pelo correio.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador B eno, 41 e 43, vende-se A Lanterna a 200 réis o numero avulso

Mas assim o quiseram os superiores para bem da comunidade...

Frei Damaso, pela primeira vez naquella noite, parecia muito preoccupado. De repente deu um murro sobre o braço da sua poltrona e, respirando com força, exclamou: — Ha ou não ha religião! Os padres são ou não são livres! O paiz perde-se, está perdido!

E descarregou novo murro. Toda a gente da sala, surpresa, voltou-se para o grupo. Os dois estrangeiros, que passeavam, pararam um instante, fizeram uma careta e continuaram logo o seu passeio.

— Que quer o reverendo dizer? — perguntou o tenente franzindo a testa.

— Que quero dizer?... — repetiu frei Damaso alçando mais a voz e encarando o interlocutor. — Digo o que me appetite! Quero dizer que quando o cura expulsado do cemiterio o cadaver dum hereje, ninguém, nem o proprio rei, tem o direito de intervir, e ainda menos de castigar. E no entanto, o general, essa calamidade com passamanes, mette-se em tudo.

— Reverendo, S. Ex. é o Vice Real Patronato! — gritou o militar levantando-se.

— Qual Vice Real Patronato nem qual historia! — replicou o franciscano levantando-se tambem. Nontros tempos já o teriam arrastado, como fizeram uma vez as congregações com o impio governador Bustamente. Aquelles tem-

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

- EM PORTUGUEZ
Nathanal Pereira, A Educação Religiosa... \$200
Ex-padre Guilherme Dias, O que é o celibato... \$200
Pedro de Mello, Sonho Dantesco... \$200
Marco A. Dancetti, Giordano Bruno... \$200
Gorki, Os amassadeiros... \$200
Pinho, Pela Educação e pelo Trabalho... \$200

- EM HESPAHOL
J. Rutgers, Las Guerras y la Densidad de la Población... \$100
M. Devaldès, Mathusianismo y Neo-Mathusianismo... \$100
Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia... \$100
C. S. Darrow, Crimen y Criminales... \$100

Leiam! propaguem! o

Evangelho da Hora

que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza litteraria, pela simplicidade do seu estylo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens.

E, não uma parodia, que poderia cair no ridiculo, mas uma sentida, uma empolgante, uma commovedora paraphrase do Evangelho, em que os versiculos são phrases lapidarias e profundas, em que as parabolas fulguram com intenso e crystallino brilho.

Preço: Um cento... 6\$000 Avulso... 200 réis

Os pedidos de folhetos acompanhados da relativa importancia devem ser enviados a Pedro Frigerio, rua Almirante Barroso a. 42, S. Paulo.

Grupos "Aurora" e "Libertas", editores.

A Lanterna no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43. Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio. Em Moggy das Cruzes, na agencia do sr. Emílio Navajas.

Limreira, com o sr. José D'Urso. Juiz de Fora, com o sr. Thomaz R. dos Santos, rua Silva Jardim, 4 — A. Florianopolis, com o sr. Valentin Farinhas, rua Republica, 17.

Nova Friburgo, com o sr. Carmine Tuzoni. Em S. Roque, á rua Dr. Estevans, 22, vende-se a Lanterna a 200 rs.

A venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Espanha e a obra de Ferrer.

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Bilhetes postaes

Temos a disposição dos leitores novos bilhetes postaes illustrados anticlericaes, com desenhos diferentes, aos seguintes preços:

Duzia... 1\$000 Um exemplar... 100

LES PETITS BONSHOMMES

Quem tem em casa pequenos estudantes de francez, deve aproveitar a occasião que se offerece de lhes proporcionar leitura atrahente, empolgante e instructiva — que lhes facilite o torna agradável o estudo da lingua.

Trata-se do quinzenario para crianças — Les Petits Bonshommes, do Paris, com desenhos suggestivos e graciosos, contos, poesias, aneddotas, adivinhas, etc., tudo immenso de preceiteos, sendo redigido por livres pensadores.

Assignatura annual: 3\$000, enviados a esta redacção, juntamente com a indicação bem exacta e clara do endereço.

Monumento a Ferrer

EM BRUXELLAS

O Comité Internacional incumbido de angariar fundos para levar a cabo a erecção dum monumento a Ferrer na capital belga, como reivindicacão da memoria do martyr nobilissimo, como protesto do livre-pensamento universal contra o crime medioeval praticado sob nossos olhos estupefactos, enviou-nos uma lista de subscriptos (n. 338), que fica em nossa redacção, esperando da dignidade dos livres pensadores brasileiros a necessaria cooperação nesta obra, não de idolatria, mas de desaffação da civilização moderna.

Dirigir á nossa redacção todas as quotas, que serão publicadas em A Lanterna.

O Papa Negro

Importante romance historico, de Mezza Botta, contendo 520 paginas e 18 suggestivas illustrações.

Neste livro é da historia a fundação e o desenvolvimento na Europa da Companhia de Jesus, a fundação da Maçonaria e a sua corajosa luta contra os tremendos planos dos seus antigos companheiros, chefiados por um dos antigos membros, Ignacio de Loyola. Discripção clara e minuciosa dos meios empregados para dominar o mundo, pela submissão dos reis e imperadores.

Preço dos dois volumes, 2\$000 franco de porte.

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

Les Temps Nouveaux — Revista quinzenal sociologica, com um supplemento litterario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3\$000.

La Guerre Sociale — Semanario revolucionario. — Redactor-chef: Gustave Hervé. Assignatura annual: 5\$000.

A Sementeira — Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa. Assignatura annual: 2\$000.

A Aurora — Hebdomadario operario. — Porto. Assignatura semestral: 1\$500.

Internacia Socia Revuo — Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris. Assignatura annual: 3\$500.

Numeros atrasados

Disponos de alguns pacotes de numeros atrasados da Lanterna para serem distribuidos gratuitamente.

Os amigos podem nos enviar os seus pedidos.

Agencia Libertaria

DE MOACYR CAMINHA

Accoitam-se consignações de livros, opusculos, etc.; agencia ou correspondencia de revistas; jornaes ou quaesquer outras publicações, Desconto on commissão conforme accordo. Dos periodicos de propaganda revolucionaria não se accoita nenhuma remuneração.

Pontualidade e exactidão. Façam propostas.

Rua Senador Pompeu, 241

FORTALEZA — (CEARA)

Benjamim Mota

ADVOCADO

E' encontrado no seu escriptorio das 11 horas da manhã ás 3 1/2 horas da tarde Rua do Commercio, 37 — Sala n. 8 SÃO PAULO

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se espalhando por este vasto paiz; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante

RAPHAEL STAMATO Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro.

Fundição e Mechanica, Avenida Martin Burchard, 146 — S. Paulo.

Fabrica de Fumos "Braz"

FUNDADA EM 1889

Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado

Pereira & Comp. Avenida Rangel Pestana, 66 — S. Paulo

ELECTRA

Drama anti-clerical em 5 actos, do famoso escriptor hespanhol B. Peres Galdós.

Esta peça valeu ao seu autor um renome universal, provocando grandes applausos em todas as platéas onde foi representada.

Em toda a parte foi ella bem accoita, tendo sido causa de grandes agitações e provocando a furia da padralhada.

Livre de porte, custa 1\$500 o volume, que contém 130 paginas.

A LANTERNA

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos: SALGÕ MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

VENTURA SIERRA, rua Conselheiro Ramalho, 166. AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafulo, rua 15 de Novembro, 37.

No enxagrate, á rua 15 de Novembro, 2. Na rua S. Caetano, 270. Lapa, com o sr. Miguel D'Angelo.

FOLHETIM DA LANTERNA

JOSE RIZAL

oli me tangere

(O Paiz dos frades)

Romance tagalo de 1888

especialmente traduzido para A Lanterna)

I UMA REUNIÃO

— Hecho o indio melhor do que quem. Logo que cheguei ao paiz, destinado a uma pequena povoação e ali tive occasião de estar com esta gente com completa calma.

— Não comprehendo o que isso ha que ver com a suppressão monopolio do tabaco! — pôde um responder o joven loiro quanto o franciscano tomava caliz de xerez.

Frei Damaso, cheio de surpresa, era a ponto de deixar cair o caliz. Ficou um momento a olhar para o moço e exclamou depois de a maior estranheza:

— Como? como? Mas será possível que não veja o que está mais do que a luz do dia? Não vê a luz de Deus, tudo isto prova palidamente que as reformas dos nossos são irracionaes!

Desta vez foi o loiro que ficou perplexo; o tenente enrugou os sobrancellos; o homem pequenino movia a cabeça como para dar razão a

frei Damaso. O dominicano permanente indifferente e quasi de costas.

— Crê V. Rev.?... — pôde emfim perguntar muito serio o moço, olhando cheio de curiosidade o frade.

— Se creio? Como no Evangelho! O indio é tão indolente!

— Ah! desculpe — disse o joven aproximando um pouco a cadeira. Existe na verdade essa indolencia nos naturaes ou succede o que affirma um viajante estrangeiro, que é apenas uma invenção para desculpar a nossa propria indolencia, o nosso atras e o nosso absurdo systema colonial?

— Qual! Isso é invaja! Ora pergunte ao sr. Larriza, que tambem conhece o paiz; pergunte-lhe se a ignorancia e a indolencia do indio têm igual.

— Com effeito — respondeu o homem pequenino, que era o alludido; em nenhuma parte do mundo existe ser mais indolente do que o indio; em nenhuma parte!

— Nem outro mais vicioso, nem mais ingrato!

— Nem mais mal educado!

O moço loiro poz-se a olhar com inquietação para todos os lados.

— Senhores — disse elle em voz baixa — creio estarmos em casa de um indio, essas senhorias...

— Ora adeus! Não se preoccupa tanto! Santiago não se considera indio, e demais não está presente, e... ainda que estivesse! Isso são tolices dos recém-viados. Deixe pa-

sar alguns mezes; mudará de opinião quando tiver frequentado muitas festas e baillajans, dormido nos catres e comido muita tinola.

— Isso que chama tinola é uma fructa da especie do lot, que torna os homens como que esquecidos?

— Qual lote nem qual loteria! — respondeu rindo o padre Damaso. Tinola é um guisado de galinha com abobora. Ha quanto tempo chegou o senhor?

— Ha quatro dias — replicou o joven um pouco picado.

— Vem como empregado?

— Não, senhor; venho por conta propria, para conhecer o paiz.

— Homem! que ave tão rara! — exclamou frei Damaso, olhando-o curiosamente.

— Dizia V. Rev., padre Damaso, — interrompeu bruscamente o dominicano — que esteve vinte annos na aldeia de San Diego e que a deixou. Não estava V. Rev. contente naquella povoação?

Frei Damaso a esta pergunta, feita num tom tão natural e quasi negligente, perdeu a alegria e deixou de rir.

— Não! grunhiu elle seccamente, e deixou-se cair com violencia contra o espaldar da poltrona.

O dominicano proseguiu em tom ainda mais indifferente: — Deve ser muito doloroso deixar uma terra que se conhece como a roupa que se veste. Eu, pelo menos, senti deixar Camiling, e poucos mezes lá tinha estado...

pos sim, é que eram de fé!...

— Advirto-lhe que não permitto... S. Ex. representa S. M. El Rei.

— Qual rei nem Roque! Para nós não ha outro rei senão o legitimo...

— Alto! — gritou o tenente ameaçado e como que dirigindo-se aos seus soldados. Ou retira o que disse ou amanhã mesmo darei parte a sua Excellencia.

— Vá agora mesmo, vá! — redarguiu com sarcasmo frei Damaso, acercando-se com os punhos cerrados. Por vestir eu habitos tífares, julga o senhor que me faltam?... Vá! Se quer, empreste-lhe a minha cartuagem!

A questão azedava-se cada vez mais. Felizmente interveio o dominicano.

— Senhores! — disse em tom autoritario — não devamos confundir as coisas nem procurar offensas onde não existem. Devemos, nas palavras de frei Damaso, distinguir as do homem das do sacerdote. As de te, como tal, nunca podem offender, pois provêm da verdade absoluta. Nas do homem, convém fazer uma distincção: as que elle diz ab irato, as que diz ex ore, mas não in corde, e as que diz in corde. Só estas é que podem offender, e isso é ainda conforme: se já in mente preexistiam por um motivo ou se vêm apenas por accidens no calor da conversa.

— Pois eu por accidens e por mim sei os motivos, padre Sibyll!

— interrompeu o militar, que começava a embulhar-se com tantas distincções. Sei os motivos e vou ouvi-los V. Rei. Na ausencia de frei Damaso, enterrou o coadjutor o cadaver duma pessoa dignissima, sim senhor, dignissima, eu tive o prazer de a conhecer e varias vezes me hospedou em sua casa. Não se confessava? E depois? Eu tambem não me confesso! Mas dizer que se suicidou é uma calumnia. Um homem como elle, que tem um filho em quem cifra o seu carinho e as suas esperanças, um homem que tem fé em Deus, que conhece os seus deveres para com a sociedade, um homem honrado e justo não se suicida.

E voltando as costas para o franciscano continuou: